

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLIND
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

MARIA APARECIDA DO NASCIMENTO DA SILVA

AS DIFERENTES LINGUAGENS NA FORMAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
KATOKINN: EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA

PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL

2025

MARIA APARECIDA DO NASCIMENTO DA SILVA

**AS DIFERENTES LINGUAGENS NA FORMAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
KATOKINN: EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de Letras da Universidade Estadual
de Alagoas - UNEAL Palmeira dos Índios,
como requisito parcial para obtenção do grau
de Licenciada Intercultural Indígena em Letras.

Orientador (a): Prof. Me. Joel Vieira da Silva
Filho

PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL

2025

MARIA APARECIDA DO NASCIMENTO DA SILVA

**AS DIFERENTES LINGUAGENS NA FORMAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
KATOKINN: EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA**

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras e suas literaturas, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 29/03/2025

Documento assinado digitalmente
 **JOEL VIEIRA DA SILVA FILHO**
Data: 02/05/2025 11:15:06-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Me. Joel Vieira da Silva Filho (Orientador/Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente
 **ARENATO DA SILVA SANTOS**
Data: 03/05/2025 13:49:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Me. Arenato da Silva Santos (1º avaliador)

Documento assinado digitalmente
 **ALLYNE JACIARA ALVES RIOS OLIVEIRA**
Data: 06/05/2025 22:22:55-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Ma. Allyne Jaciara Alves Rios Oliveira (2º Avaliador)

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
2. A FORMAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	7
2.1 A EDUCAÇÃO DIFERENCIADA NA ALDEIA KATOKINN	9
3. AS DIFERENTES LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR KATOKINN	10
3.1 Cantos Katokinn.....	11
3.2 Pintura	15
3.3 A dança Katokinn.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5. REFERÊNCIAS	24

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer um estudo sobre as diferentes linguagens da educação escolar da Aldeia Katokinn, analisando e explorando uma metodologia pedagógica que centralize os saberes tradicionais em sua particularidade como povo. Portanto observa como a aprendizagem cultural é fundamental para formação de cada indivíduo desde criança até a fase adulta dentro do contexto diferenciado do povo indígena, com atenção específica da comunidade Katokinn. O trabalho propõe como finalidade principal construir uma compreensão aprofundada das linguagens verbal e não verbal da comunidade Katokinn. A linguagem verbal inclui as pinturas corporais, vestimentas. Essa perspectiva indígena permite identificar mensagens e significados que podem ser compreendidas por não indígenas. Já a linguagem verbal expressa cantos, contos, causos orais. Sendo que cada elemento traz uma importância e são essenciais na comunicação para os Katokinn. Para tanto, nesta pesquisa levamos em consideração as seguintes linguagens: os cantos, as pinturas e as danças, identificando como essas linguagens são abordadas em sala de aula como forma de evidenciar a cultura e a identidade Katokinn.

Palavra-chave: Educação e resistência; Katokinn; Linguagens.

1. INTRODUÇÃO

A educação escolar indígena, especialmente no contexto do Povo Katokinn, representa um processo de resistência e afirmação cultural diante de um histórico de colonização, marginalização e tentativas de apagamento das identidades e saberes ancestrais. Essa forma de educação vai além da simples transmissão de conteúdos curriculares, pois está profundamente enraizada na luta por reconhecimento, valorização das tradições e fortalecimento da identidade coletiva.

No caso do povo Katokinn, cada prática pedagógica, cada elemento e expressão cultural inserida no ambiente escolar contribui para reverter séculos de exclusão. Trata-se de uma educação que resiste e transforma, reafirmando diariamente o direito à diferença, à memória e à continuidade histórica do seu povo.

A escola indígena tem se constituído como espaço de resistência, onde os saberes e práticas tradicionais são valorizados e fortalecidos no cotidiano escolar, reafirmando a identidade étnica do povo Katokinn (Pereira, 2018, p. 112)

A citação de Pereira (2018) aborda a reafirmação da identidade indígena, destacando a importância do que somos e do que fazemos ao longo de nossa caminhada dentro do próprio povo. A autora ressalta que o espaço escolar se tornou um ambiente de resistência, onde a educação indígena desempenha um papel fundamental no processo de valorização cultural. Essa valorização ocorre de forma particular, respeitando os modos próprios de desenvolvimento e as especificidades de cada povo.

O presente estudo tem como objetivo analisar as diversas linguagens que se manifestam na formação escolar indígena Katokinn, com ênfase nas práticas pedagógicas que permeiam a educação dentro da comunidade. A pesquisa busca compreender a importância desses elementos na construção de um modelo educativo que não apenas resiste aos impactos negativos da colonização, mas também contribui para o fortalecimento do povo Katokinn, garantindo a preservação de sua crença, cultura e valores tradicionais.

Neste contexto, a educação escolar indígena não é apenas uma questão de transmissão de conhecimento, mas um campo de luta pela manutenção e valorização da identidade cultural. Ao abordar a temática das "diferentes linguagens", este estudo irá explorar as múltiplas formas de expressão presentes na formação escolar dos Katokinn, como o canto, a dança e a pintura.

A partir dessa análise, será possível identificar como a resistência cultural se articula com as linguagens de ensino, e como essas práticas educativas contribuem para a construção de um modelo escolar que é simultaneamente um espaço de reafirmação da identidade e de adaptação às exigências do mundo contemporâneo. Assim, a pesquisa se propõe a compreender as complexas relações entre educação, cultura, resistência e as linguagens que sustentam o processo de ensino-aprendizagem na escola indígena Katokinn. O processo metodológico diz respeito às análises e discussões acerca das três linguagens: canto, pintura e dança, como forma de evidenciar seus usos na educação escolar indígena diferenciada.

A pesquisa de campo contou com levantamento de informações, com apoio dos profissionais da educação e das lideranças da comunidade, utilizando materiais como fotografias, entrevistas semiestruturadas, observações diretas, os quais se mostraram necessários e complementares para o desenvolvimento do trabalho. A pesquisa foi realizada na comunidade e na Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva, localizada na Aldeia Katokinn, no município de Pariconha - AL, na Rua Juvino Henrique da Silva, Bairro Alto da Boa Vista, no Sertão de Alagoas.

O estudo se concentrou especialmente nas diferentes linguagens utilizadas no processo educativo, como canto, dança e pintura, com o intuito de compreender como essas práticas contribuem para a afirmação da identidade do Povo Katokinn e para a construção de um modelo educacional que reflita sua cultura e tradição.

A metodologia adotada permitiu uma análise qualitativa e profunda das relações entre educação, cultura, resistência e as linguagens que sustentam o processo de ensino-aprendizagem na escola indígena Katokinn. Os dados coletados forneceram informações essenciais para entender como a educação indígena não apenas resiste aos impactos da colonização, mas também fortalece a identidade e os valores culturais da comunidade.

2. A FORMAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

A educação escolar indígena, desde sua criação de acordo com o decreto 11.465/08 de 10 de Março 2008, passou por enfrentamentos e desafios significativos em sua consolidação. Trata-se de um processo marcado por lutas e resistência, principalmente no que diz respeito a preservação dos valores e saberes tradicionais das comunidades indígenas. Esse tipo de educação desempenha um papel essencial na promoção da identidade cultural, ao mesmo tempo que busca garantir o acesso a direitos educacionais em igualdade de condições com outros segmentos da sociedade.

Compreender a importância da educação escolar indígena tem sido tarefa árdua para as lideranças, que constantemente reivindicam políticas públicas as eficazes e sensíveis às especificidades culturais desses povos. Mesmo com as leis da LDB 9394/96 enfatizando art.78, essas lideranças desempenham um papel fundamental na mediação entre as comunidades, o sistema educacional e o Estado, lutando pela inclusão de práticas pedagógica que valorizem e respeitem as tradições, línguas e saberes ancestrais. Segundo Pereira (2018), professora pesquisadora indígena:

[...] a articulação entre esses saberes indígenas e saberes não indígenas apresentam-se como uma necessidade vital para essas instituições, como uma “garantia” de que a criança indígena poderá desenvolver a compreensão de si enquanto indígena, nesse caso, enquanto Katokinn, a compreensão de universal, e se situar como pertencente a esse contexto mais amplo (Pereira, p.124, 2018).

Ao estudar a educação diferenciada Katokinn, a pesquisadora observa que os desafios desse modelo de educação perpassam por diferentes esferas, mas que fazer os estudantes compreenderem os processos das suas próprias identidades é um mecanismo vital da educação indígena diferenciada.

No centro dessa complexidade está a aldeia, o lugar dos saberes que a torna escola diferenciada, pensar como esses saberes globais chegam à aldeia sem desconectá-lo dela é um desafio para o desenvolvimento curricular das escolas indígenas (Pereira, p.131, 2018).

Assim, as perspectivas para o futuro incluem a esperança de que as novas gerações possam desfrutar de uma educação que reconheça plenamente o valor dos povos indígenas como detentores de conhecimentos tradicionais e como protagonistas na construção de suas histórias. Para isso, é essencial assegurar o

reconhecimento e a valorização dos profissionais que atuam nesse campo, oferecendo-lhes condições adequadas de formação e trabalho.

Dessa forma, a formação escolar indígena não se limita a transmissão de conteúdos formais, mas atua como um instrumento de fortalecimento das comunidades tradicionais, promovendo o reconhecimento de suas contribuições para a sociedade e garantindo sua continuidade enquanto povos com identidade e cultura próprias.

2.1A EDUCAÇÃO DIFERENCIADA NA ALDEIA KATOKINN

A educação escolar indígena diferenciada é um modelo de ensino que, embora siga as diretrizes legais, respeita e valoriza as especificidades de cada comunidade. No caso do Povo Katokinn, a implantação da educação escolar ocorreu em 2010, resultado de um processo de luta que contou com a mobilização, conscientização e apoio das lideranças locais. Inicialmente, foram ofertadas apenas as séries iniciais e, a cada ano, foi acrescentada uma nova turma, com o objetivo de garantir a continuidade dos estudos e a oferta de cursos completos dentro da própria comunidade.

Para a construção do espaço físico, contou-se com ajuda da própria comunidade. Hoje, a estrutura comporta grande parte dos discentes em salas pertencentes a aldeia. Os demais alunos são atendidos em duas salas de aula localizadas fora da comunidade, construídas pelo Estado e pela Secretaria de Educação – SEDUC, que, no entanto, não tem sido suficiente para atender adequadamente às exigências relacionadas a espaços de esporte, lazer e convivência.

A instituição recebeu o nome de Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva, em homenagem a um grande líder que participou ativamente tanto do processo de construção do povo Katokinn quanto do reconhecimento étnico. Lideranças como Juvino sempre acreditaram que a existência de uma educação indígena traria consigo a singularidade dos marcos históricos de resistência e os frutos das lutas que atravessaram gerações.

A realização dessa escola representa também a concretização de um sonho antigo de Maria das Graças Soares de Araújo, mais conhecida como Cacique Nina,

uma liderança marcante que já ancestralizou, mas que deixou como legado a conquista de um espaço onde crianças, jovens e adultos pudessem vivenciar seus saberes tradicionais, expressar livremente suas identidades e fortalecer o pertencimento à sua cultura.

Atualmente, a escola oferece as modalidades de Educação Infantil I e II, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA). No ano de 2024, a instituição contava com 237 alunos matriculados e 36 funcionários, entre professores, vigias, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, secretário, coordenadores e gestor.

Todos os profissionais atuam com um propósito comum: promover dias melhores para a comunidade, acreditando que o Estado, em algum momento, reconhecerá plenamente a importância do investimento na educação escolar indígena. Nesse contexto, a educação diferenciada representa muito mais do que o ensino formal, ela é símbolo de história, valorização, conhecimento, luta e resistência, pilares fundamentais para a existência e continuidade de um povo com seus próprios costumes e identidade.

Dessa forma, a luta por educação na comunidade Katokinn não se limitou à criação de uma escola, mas representou a construção de um território simbólico de resistência e pertencimento. O sonho de Nina Cacique ecoa hoje nas salas de aula, demonstrando que, quando o saber tradicional se encontra com o saber escolar, nasce uma educação verdadeiramente transformadora e enraizada na identidade do povo. A conquista desse espaço é a prova de que a união entre memória, cultura e luta pode abrir caminhos para uma educação mais justa, inclusiva e plural.

3. AS DIFERENTES LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR KATOKINN

Aqui, abordaremos três linguagens entre os Katokinn, a saber: os cantos, as pinturas e as danças, identificando como essas linguagens são abordadas em sala de aula como forma de evidenciar a cultura e a identidade Katokinn. Sobre linguagens, Pereira (2018) observa que:

As expressões culturais como o canto, a pintura e a dança são formas de ensinar e aprender que fortalecem a identidade étnica e possibilitam que o estudante indígena se reconheça dentro do espaço escolar (Pereira, 2018, p. 102).

A citação de Pereira (2018) reforça a compreensão de que as manifestações culturais indígenas ultrapassam o campo artístico e se estabelecem como instrumentos pedagógicos fundamentais na educação escolar diferenciada. No contexto da escola indígena Katokinn, o uso do canto, da pintura e da dança em sala de aula representa não apenas uma forma de transmitir saberes tradicionais, mas também uma estratégia de valorização identitárias e resistência cultural.

Essas linguagens contribuem de forma significativa para o fortalecimento da autoestima dos estudantes e para o resgate da memória coletiva do povo, transformando o ambiente escolar em um espaço vivo de aprendizado, pertencimento e continuidade histórica

3.1 Cantos Katokinn

Os cantos Katokinn têm desempenhado um papel fundamental na formação de cada indivíduo, contribuindo para a preservação e a vivência das memórias coletivas e ancestrais. Cada canto entoado carrega em si a força das histórias, dos ensinamentos e das experiências que consolidaram a identidade do Povo Katokinn, reafirmando sua ancestralidade como base essencial para existência e continuidade cultural dessa comunidade indígena. Os cantos também assumem e dão uma contribuição central na preparação espiritual, sendo vivenciados como práticas que conectam o indivíduo ao sagrado e a essência de sua identidade. Nessa vivência, os cantos transcendem o âmbito da expressão cultural tornando-se um meio de reconexão com os ensinamentos ancestrais, que guiam os caminhos das gerações atuais e futuras.

Assim, os cantos Katokinn não apenas fortalecem a formação individual e coletiva, mas também reafirmam a vitalidade cultural do povo assegurando que sua história e valores de espiritualidade continue vivo e inspiradores na caminhada de cada geração. A seguir, apresenta-se uma fotografia de um trabalho desenvolvido pela 1ª série do Ensino Médio sobre o toré, canto tradicional do povo.

Fotografia 1 –
do ensino médio



Trabalho da 1ª série

FONTE: Geovana Silva Santos, 2024.

A fotografia mostrada acima traz o toré *Santo Antônio Pequenininho* que é um dos elementos mais marcantes na história do Povo Katokinn, pois carrega as memórias de gerações passadas e continua a ser uma expressão viva da identidade e das tradições dessa comunidade. Este canto, imbuído de significado espiritual e cultural, representa não apenas a fé do Povo Katokinn, mas também a resistência, a valorização das suas raízes e a continuidade de suas práticas ancestrais. Ele é simbolicamente significativo, pois, ao longo do tempo, tornou-se um legado das gerações que, com dedicação e amor, plantaram sementes de sabedoria e valores que transcendem o tempo e o espaço.

A importância desse canto é evidente, pois ele não se limita a ser uma expressão religiosa ou folclórica. *Santo Antônio Pequenininho* é entoado em diversos momentos significativos da vida comunitária, seja em celebrações religiosas, festas tradicionais ou até mesmo como uma forma de expressão de alegria nas atividades cotidianas. Desde a infância até a juventude, os membros da comunidade Katokinn

cantam essa música, que se transforma em um elo de união e fortalecimento da identidade coletiva.

Nos momentos de festividades, especialmente nas vésperas, o canto ressurge como um ritual que rememora os laços espirituais e culturais da aldeia. Enriquecendo a formação dos jovens. A escola, como espaço de aprendizado e convivência, torna-se, portanto, um lugar onde as tradições e os valores do Povo Katokinn são perpetuados e reforçados por meio de práticas como esse canto.

O canto do Povo Katokinn vem desempenhando um papel fundamental na preservação da memória e da identidade cultural desse povo, funcionando como um elo entre o passado e o presente. Em uma perspectiva de fontes, na escola indígena, o canto é aplicado como um instrumento de transmissão oral do conhecimento, carregando narrativas sobre a origem, a espiritualidade e os costumes do Povo Katokinn que envolvem tanto a transmissão de conhecimentos da aprendizagem quanto a preservação dos saberes ancestrais.

O canto *Santo Antônio Pequeninho*, é marcado pela celebração, o prazer de viver e aprender, de partilhar experiências e de honrar a memória coletiva. Assim, o canto se configura não apenas como uma prática de expressão cultural, mas também como um poderoso instrumento de resistência e de afirmação da identidade do povo Katokinn. Ele representa a continuidade de um legado que se reflete no cotidiano da comunidade, reverberando em cada espaço e em cada geração que se passa. Portanto, *Santo Antônio Pequeninho* é muito mais do que uma canção: é um símbolo da força, da fé e da resiliência do Povo Katokinn, que, através de suas memórias e práticas, mantém viva sua história e assegura a perpetuação de sua cultura para as futuras gerações.

Além disso, diante das transformações sociais causadas pela ação humana, que de maneira direta ou indireta afetou nossas comunidades indígenas, muitos aspectos da tradição foram afetados ou perdidos ao longo do tempo. No entanto, o canto resiste como uma forma de resgatar e fortalecer a identidade cultural, permitindo que as novas gerações tenham ciência através da história e dos valores ancestrais. Dessa maneira, ele contribui para a continuidade do Povo Katokinn, e quando utilizado em sala de aula, reverbera memória, sendo uma linguagem performática, servindo como um ato de resistência e reafirmação de sua existência diante dessas

adversidades. No canto a seguir podemos observar a força de ser mulher indígena Katokinn:

Somos pertencentes do alto,
Terra de nossos ancestrais,
Terra que banha o açude;
Riqueza é linda de mais;
Mulheres que buscam a água;
A natureza é bela de mais;
Menino que banha no açude,
Hoje não se banha mais;
Canta encanta neste chão,
Terra de nossos ancestrais...
(Canto Katokinn, mulheres guerreiras).

Este canto, retrata as mulheres, mães, agricultoras, companheiras e domésticas e revela o papel fundamental dessas figuras na construção e preservação dessas memórias do Povo Katokinn ao longo dos anos. Estas mulheres não apenas desempenham funções essenciais no cotidiano, mas também contribuem, de forma essencial, para o fortalecimento da identidade cultural e social da comunidade. Como grandes guerreiras, elas personificam a resistência e a continuidade das tradições, sendo responsáveis por transmitir ensinamentos que moldam as gerações futuras. Em sala de aula, esse canto reforça a importância das mulheres para a constituição e permanência da cultura indígena.

Além de suas múltiplas funções familiares e sociais, essas mulheres têm um papel crucial na educação dos jovens. Através de suas ações cotidianas, elas preparam as novas gerações, incutindo nelas valores, saberes e responsabilidades que asseguram a permanência e a relevância da educação. A insistência em manter os jovens em sala de aula não se resume apenas ao processo formal de ensino, mas também à transmissão de sabedoria popular, ética e disciplina, essenciais para a construção da identidade coletiva.

A importância de levar os cantos tradicionais para a sala de aula vai além da ação de preservar identidades e culturas, ela também compreende a revitalização da linguagem, promovendo uma aprendizagem contínua da tradição entre a comunidade e o ambiente escolar. Ao integrar cantos como o Toré e o Toante, o educador propicia um espaço para o entendimento das conexões entre os elementos sonoros e culturais dessa prática. Além disso, os instrumentos que acompanham esses cantos, como a

gaita, o maracá, em algumas situações, o rabo do tatu, são essenciais para enriquecer a experiência sonora e tornar o aprendizado mais prazeroso.

Esses instrumentos, revestidos de significados profundos, não apenas auxiliam na execução das cantorias, mas também estabelecem um vínculo afetivo com os encantos da tradição, e são fundamentais para a criação de um ambiente de ensino que respeite e valorize as raízes culturais locais. Portanto, a relação entre os cantos e seus instrumentos não é apenas um aspecto técnico, mas também um meio de fortalecer a relação entre o indivíduo e a cultura de sua comunidade, garantindo que os saberes ancestrais continuem a ser transmitidos de geração em geração. Portanto os cantos reforçam os vínculos entre a comunidade e a escola, tornando-se uma ponte entre o passado e o presente.

Dentro dessa prática, é crucial compreender a relevância dos diferentes elementos que acompanham o canto, como a gaita, o maracá e, em alguns momentos, o cabo do tatu. Esses instrumentos desempenham um papel essencial na amplificação e harmonização dos sons, proporcionando uma experiência sensorial que vai além da voz humana. Cada um desses instrumentos, com suas sonoridades particulares, contribui para a construção do som e do envolvimento emocional tanto dos participantes como dos convidados a prestigiar.

3.2 Pintura

Ao realizar a entrevista com o pajé da Aldeia Katokinn, Welison de Araújo Soares, liderança jovem, porém detentor de um saber profundo e respeitado pela comunidade, foi possível perceber a importância de como tem sido fundamental essa troca de conhecimentos entre liderança e comunidade escolar. Embora mergulhados na contemporaneidade, podemos perceber o quanto cresceu o gosto pelas vivências nas práticas culturais e as descobertas, principalmente sobre a matéria-prima para pintura, elementos esses que transcendem as simples artes, funcionando como um elo que os conectam com as ancestralidades:

Fotografia 2 – Pajé Welison pintando Barro Toá



FONTE: Letícia Alves Valentim, 2025

A imagem acima traz a pintura, tanto na sua origem quanto na sua aplicação, representa a identificação, a proteção e a história do povo. Ao compreender esse processo, mantem-se viva as memórias ancestrais, como também se conectam com suas raízes culturais e identitárias, enquanto forma de expressão cultural, tornando-se uma ferramenta de resistência e resiliência. Segundo Soares:

É bem falar da pintura, né? A pintura é uma parte fundamental em cada momento que a gente tem de importância, principalmente para nossos rituais [...], que é o simbolismo do corpo espiritualista, onde tem, sim, a sua defensoria na pintura [...]. A gente se pinta para proteger a parte dos nossos corpos, na parte tradicional do nosso povo [...]. É onde a gente utiliza os gráficos, que são diferenciados, principalmente com o barro [...] (Soares, 2024, s/p).

Em relação ao preparo espiritual, o pajé enfatizou sua importância no acompanhamento de um processo que vai além da prática ritualística. Ele destaca que o fortalecimento espiritual é essencial, pois os ajuda a reafirmar o compromisso com a ancestralidade e com os ensinamentos que garantirão a sobrevivência de seu povo ao longo dos tempos.

O vínculo com o espiritual, na visão do pajé, é uma forma de expressar gratidão pela existência e pelos ensinamentos que possibilitarão a continuidade do povo, assim como uma maneira de fortalecer a conexão com os ancestrais, reconhecendo o papel vital que desempenham na construção da identidade coletiva e no processo de resistência da luta.

Portanto, a transmissão desses saberes, tanto sobre a pintura quanto sobre o preparo espiritual, trabalhados na educação escolar desde cedo pelos próprios indígenas, é essencial para que as novas gerações possam não apenas aprender, mas também transmitir e fortalecer as bases culturais e espirituais do seu povo. Sobre a pintura com a matéria-prima barro branco, o pajé disse:

Barro branco, o Toá, a gente utiliza ele pra partes tradicionais, que proteja, sim, o nosso corpo, a nossa parte espiritualista — de fora do corpo e, sim, principalmente de dentro, de dentro da pessoa que está se pintando com os elementos sagrados, que é com o barro sagrado que a gente tem, que vai buscar lá em nosso povo, né, Pankararu. E ele é muito significativo para todas as comunidades, não só para o povo Katokinn, mas cada gráfico que representa, né, a sua pintura, é uma proteção divina que todos temos (Soares, 2024, s/p).

O uso do barro branco, em particular, tem um significado ritualístico que transcende a simples aplicação, funcionando como uma camada de proteção espiritual. A pintura não se limita à exterioridade do corpo, mas atinge a esfera interna do ser, marcando uma relação direta com os elementos sagrados que compõem a cosmovisão do povo. Dessa forma, cada gráfico ou símbolo pintado é um ato de resistência e de conexão com os ancestrais, sendo um elemento de defesa divina que fortalece o vínculo entre os indivíduos e o universo espiritual.

Essa prática de pintura, como evidenciado pelas palavras do pajé Soares, não se restringe apenas ao Povo Katokinn, mas se estende a outras comunidades, refletindo um princípio universal de proteção e espiritualidade. Cada símbolo pintado carrega consigo uma mensagem de força e de proteção divina, essencial para a manutenção da identidade cultural e espiritual de cada ser humano.

A pintura, portanto, se configura como um elemento indispensável na preservação das tradições e na reafirmação da identidade de um povo, funcionando como um elo entre o presente e o passado, entre o material e o espiritual. Sendo também ao que compete o seu papel dentro de um povo, o pajé teve oportunidade

não só em deixar seus conhecimentos mais transcendententes de tudo que foi necessário para melhor compreensão e importância ao que é ser indígena na tradição do povo Katokinn. A seguir, fotografia de estudante participando do ritual.

Fotografia 3 – Pintura com Barro Branco



FONTE: Letícia Alves Valentim, 2023.

A pintura, utilizada pelas crianças da Aldeia Katokinn, carrega um simbolismo profundo, refletindo a gratidão por cada experiência vivenciada nas diversas atividades de trabalho realizadas na comunidade. Essa forma de expressão artística se manifesta tanto nas festividades culturais da aldeia quanto nos projetos pedagógicos da escola, funcionando como um meio de celebração e valorização das práticas culturais e educacionais locais. Através da pintura, as crianças não apenas internalizam suas vivências cotidianas, mas também participam ativamente da preservação e da celebração de sua identidade cultural.

Além disso, essa prática artística contribui para o fortalecimento da identidade do povo Katokinn, permitindo-lhes reafirmar sua história e preservar os elementos fundamentais de sua ancestralidade. Ao integrar a arte à sua educação e aos rituais comunitários, as crianças tornam-se agentes ativos na transmissão de saberes, valores e tradições que os definem enquanto grupo social. Nesse contexto, a pintura

emerge como uma ferramenta significativa não apenas para a expressão individual, mas também para a perpetuação de uma memória coletiva, essencial para a continuidade da identidade e coesão social da comunidade Katokinn.

Portanto, a pintura, mais do que uma atividade recreativa ou escolar, representa uma prática profundamente enraizada na experiência cotidiana da aldeia, funcionando como um elo entre o presente e o passado, e como um meio vital para a transmissão de saberes intergeracionais. Através dessa expressão, as crianças do povo Katokinn se conectam com suas raízes e, ao mesmo tempo, participam da construção de um futuro no qual sua cultura e identidade são preservadas e valorizadas. A fotografia a seguir trata-se de pinturas usadas tradicionalmente na comunidade.

Fotografia 4 – Pinturas tradicionais



FONTE: Letícia Alves Valentim, 2022.

Na imagem acima vemos integrantes da Juventude Katokinn usando a pintura corporal com o Barro Branco. A pintura é uma linguagem sagrada Katokinn. Seus riscos, desenhos e formatos possuem significados especiais para o povo. Além de sua singularidade espiritual, o Barro Branco que é conhecido como Toá, que vem revestido de compreensão, conhecimento, fé e crença, seguindo assim a tradição tanto nos momentos culturais quanto nos rituais, demandando a necessidade do povo Katokinn.

Além do barro branco, entre os Katokinn também se utiliza o jenipapo, pois sua durabilidade é maior. Embora não seja tradicionalmente do povo Katokinn, é adotado devido à sua resistência, sendo aplicado em algumas manifestações fora da comunidade, em sua forma bruta, carrega ainda uma forte simbologia de cura, especialmente no tratamento de lesões corporais mais não é oficialmente tradicional do povo Katokinn. Mesmo que o grafismo, especialmente aplicado na região do peito, também carrega significados profundos ligados aos "encantados", figuras espirituais que representam forças da natureza e do universo na cultura local, que se acredita que essa juventude reafirma o compromisso de representar bem seu povo.

A prática de pintar o corpo com jenipapo e Toá atravessado é, por sua vez, uma representação da caatinga e do tatu, um animal ancestral que simboliza a origem dos movimentos e da própria dinâmica da comunidade e representantes lideranças dos mesmos. O Barro Branco além de ser conhecido como elemento específico dos povos especificamente sertão, sempre é utilizado nos momentos das corridas do umbu, atividade de grande importância e simboliza cura e proteção para a Aldeia especificamente na saúde de crianças e anciões comprometimento da missão a cada final de ano dando continuidade no próximo início de ano, são momentos sagrada que se manifesta, conectando o presente à ancestralidade com a comunidade.

3.3 A dança Katokinn

A dança indígena sempre desempenhou um papel central nas diferentes dimensões da vida do Povo Katokinn, estando presente em momentos de celebração, gratidão, rituais, culminâncias de projetos escolares, lutas, conquistas e pagamentos de promessas. Em cada um desses contextos, a dança sempre se configura como uma forma de expressão cultural que carrega significados profundos e específicos. A fotografia abaixo retrata a apresentação da juventude Katokinn.

Fotografia 5 – Dança tradicional Katokinn - Toré



FONTE: Letícia Alves Valentim, 2022.

No âmbito das celebrações, a dança não é apenas um rito de prazer ou entretenimento, mas uma manifestação de agradecimento e reconhecimento aos ciclos da natureza, à comunidade e aos ancestrais. Nos rituais, a dança assume uma dimensão espiritual, sendo uma prática essencial para a conexão com o sagrado e com as forças que regem o cosmos. Além disso, nos momentos de culminância de projetos na escola, a dança se apresenta como uma forma de celebração do conhecimento adquirido e da conquista da educação, reforçando a importância da preservação das tradições no contexto educacional. Segundo Athias e Pankararu:

A dança, enquanto manifestação cultural, não se limita ao entretenimento; ela é um meio de comunicação profunda que expressa a identidade, a espiritualidade e os valores de um povo. Nos rituais indígenas, a dança é um elo entre o passado e o presente, entre os ancestrais e as novas gerações, consolidando a memória coletiva e fortalecendo os laços comunitários (Athias; Pankararu, 2006).

Essa citação é profundamente significativa, pois sintetiza de maneira clara e sensível a importância da dança no contexto das culturas indígenas. No Povo Katokinn a luta e as conquistas também se refletem na dança, que serve como uma expressão de resistência, força e resiliência frente às adversidades enfrentadas ao longo da história. Da mesma forma, o pagamento de promessas através da dança evidencia a relação de reciprocidade e respeito com as entidades espirituais e com a comunidade, reforçando a importância dos votos e da gratidão.

Ao observar essas práticas, é possível afirmar que a dança indígena na etnia Katokinn vai além de um simples movimento corporal. Ela é uma estrutura simbólica que reflete e reforça as identidades, valores e a cosmovisão desse povo. A dança, portanto, se configura como um dos elementos centrais que consolidam a estrutura cultural e espiritual que define a identidade do povo Katokinn, funcionando como um elo entre o passado, o presente e as futuras gerações. Assim, ela não apenas preserva, mas também perpetua e transforma os significados que identificam e unem a comunidade.

Neste sentido, a linguagem corporal na dança Katokinn desempenha um papel fundamental, sendo um veículo de celebração tanto para o pagamento de promessas quanto para os festejos comemorativos relacionados ao reconhecimento ético e espiritual da comunidade. Cada movimento, cada gesto e cada elemento que compõe essa dança é considerado sagrado, transmitindo uma conexão profunda com os valores e tradições do povo.

Através dessa linguagem, é possível também identificar o momento específico em que a graça está sendo louvada, pois a agenda etimológica ao longo do ano é amplamente reconhecida tanto pela comunidade escolar indígena quanto pela não indígena. Esses momentos são marcados por convites feitos pelas lideranças da comunidade, que chamam todos para participar da celebração e, assim, compartilham a saudação e o significado da realização do evento. Dessa forma, a dança se torna uma prática que, além de reforçar a identidade cultural e religiosa do povo Katokinn, promove um espaço de intercâmbio e compreensão entre diferentes culturas, promovendo o respeito e o reconhecimento.

Nesse contexto, a dança é trabalhada na educação escolar indígena do povo Katokinn, funcionando como uma reafirmação da importância dos saberes compartilhados entre alunos, professores e lideranças, promovendo o empoderamento dos saberes tradicionais e preparando o indígena para manter-se conectado às suas tradições, com o objetivo de preservar e fortalecer os valores culturais enraizados na comunidade.

O ensino de dança na escola tem potencial para promover o desenvolvimento dos alunos no que diz respeito à formação da personalidade e às habilidades psíquicas superiores de atenção, concentração e imaginação. Além disso, a dança contribui para que as crianças desenvolvam consciência corporal e, enquanto

dançam, experimentem estados mentais agradáveis. No que diz respeito à seleção das danças a serem ensinadas, esse ensino vai além da simples experimentação prática, funcionando como uma ferramenta para aprofundar o entendimento cultural e fortalecer a identidade do povo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse processo de observar as diferentes linguagens Katokinn não só resgata memórias, mas também cria um caminho para que as futuras gerações possam se aprofundar no entendimento e na interpretação mais profunda, tanto da história quanto das tradições do povo Katokinn, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade e pertencimento.

Além disso, os materiais desenvolvidos ao longo dessa trajetória têm um papel crucial ao reforçar a reafirmação de um pertencimento já existente, destacando a importância da longevidade e da compreensão de que a identidade de um povo está enraizada em uma formação que sempre foi, e continuará sendo, a base estrutural dessa comunidade. Tais elementos carregam memórias, raízes e pilares fundamentais que resistiram ao apagamento histórico, refletindo a resistência desse povo frente aos desafios impostos ao longo do tempo.

A educação diferenciada, que se alinha a esse processo, tem sido essencial para garantir a continuidade dessa resistência e fazer a diferença. Ela é um reflexo do compromisso de muitas pessoas que lutaram pela criação e desenvolvimento de projetos que, embora não estejam fisicamente entre os seus, continuam presentes por meio das diversas linguagens culturais, ancestrais e espirituais transmitidas. Essas linguagens são cruciais para o entendimento da comunidade e são amplamente reconhecidas dentro do espaço escolar.

Os trabalhos realizados no chão da escola, por meio da utilização desses materiais pedagógicos, continuam a favorecer a preservação e valorização dessa realidade, colaborando com o levantamento e a divulgação das pesquisas que exaltam as riquezas culturais da comunidade Katokinn. Essas riquezas, que resistem ao tempo, são imprescindíveis para a preservação da história e a construção do conhecimento, além de garantir um público mais comprometido com o futuro dessa luta.

Portanto, é vital que a sociedade, especialmente aqueles que ainda duvidam ou desconhecem o processo histórico e as conquistas do Povo Katokinn, compreenda que os desafios enfrentados nunca devem impedir o progresso contínuo dos direitos desse povo e a continuidade de suas lutas pela educação, sempre firmes na preservação de sua identidade, cultura e valores, incluindo as questões políticas que os envolvem durante a caminhada contínua.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Welison Soares. Entrevista concedida a Maria Aparecida do Nascimento da Silva. Aldeia Katokinn, Pariconha-AL, set. 2024. Entrevista gravada via aplicativo *WhatsApp*.

ATHIAS, Renato; PANKARARU, Sarapó. *As forças encantadas: dança, festa e ritual entre os Pankararu*. Recife: UFPE, 2006.

NASCIMENTO, Daniel Soares do. Entrevista concedida a Maria Aparecida do Nascimento da Silva. Aldeia Katokinn, Pariconha-AL, set. 2024. Entrevista gravada via aplicativo *WhatsApp*.

PEREIRA, Thaís Lima dos Santos. TEORIA SOCIOCULTURAL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E SUAS RAMIFICAÇÕES PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: um olhar sobre a Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva - Aldeia Katokinn. (TCC – Curso de Pedagogia) 163 f.. Ano 2018.